

Anuário da Comunicação

2005-2006



OberCom
Investigação e Saber em Comunicação

Índice geral

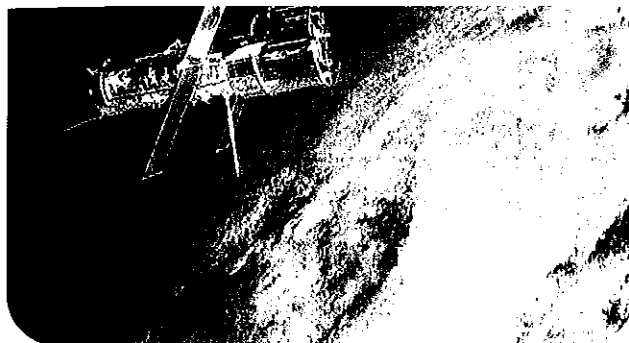
Apresentação

I - Sectores da Comunicação

II.1 - Televisão	2
II.2 - Cinema	12
II.3 - Vídeo	75
II.4 - Áudio	88
II.5 - Rádio	104
II.6 - Consolas e Videojogos	111
II.7 - Imprensa	121
II.8 - Telecomunicações	136
II.9 - TIC's	147
II.10 - Publicidade	178

II - Olhares sobre a Comunicação

- A "Televisão-nómada", Rui Cádima	214
- Weblogues e jornalismo: o ano de 2006, Manuel Pinto	216
- A Rádio em Portugal – Estado da Arte em 2006, Rogério Santos	220
- Novos modelos de negócio no sector infocom, André Sendin	224
- Os Media em Portugal – novos processos comunicacionais e de responsabilidade social, Nuno Brandão	226
- Anteprojecto de Proposta de Lei sobre os limites da Concentração da Titularidade nas Empresas de Comunicação, Luís Alvito	231
- Uma questão de números, Luís Rosendo	233
- Os Media e a Publicidade em Portugal, Francisco Costa Pereira e Jorge Veríssimo	234
- Crianças e Internet – que acesso e usos? Que potencialidades e que riscos dessa relação?, Cristina Ponte e Cátia Candeias	238
- Televisão, Infância e Adolescência em Portugal, Sara Pereira	243
- O ano da renovação administrativa das licenças da SIC e da TV, Felisbela Lopes	250
- Medir o Quê, Quando e para Quê. Como se medem as audiências de rádio em Portugal? Como se medirão no futuro?, João Porto	258
- "Neo-Hipodermismo e Realismo: A Internet e os grandes jornais diários em Portugal", Pedro Pereira Neto	262
- Jornalismo Económico, Isabel Resende	267
- A Terceira Geração - vai um joguinho?, Luís Soares e Luís Bento	271
- Panorama da Indústria Fonográfica em Portugal, Ricardo Antunes	273
- Política para os media em Portugal em 2006: surpresa e previsibilidade, Helena Sousa	275
- Retrospectiva do Sector da Comunicação (2000-2005), Carla Martins	279



Televisão, Infância e Adolescência em Portugal

Sara Pereira,
Universidade do Minho

O binómio crianças – televisão pode ser abordado do ponto de vista da recepção e da programação. Através do primeiro pode-se analisar a forma como as crianças e os adolescentes recebem e usam os conteúdos televisivos, como os interpretam e dão significado; centrando-nos no segundo, é possível estudar quer a programação que lhes é especificamente dirigida quer os programas que não lhes são destinados mas que aquele público efectivamente vê e, por vezes, até prefere.

Este artigo debruça-se sobre aquelas duas vertentes – recepção e programação – apresentando, em traços gerais, as perspectivas de estudo sobre a relação crianças – televisão e analisando o que aconteceu de mais significativo em 2006 na área da programação para a infância em Portugal fazendo-se, em determinados momentos, uma retrospectiva do que ocorreu no passado para se compreender melhor as tendências actuais.

O tópico crianças e televisão é uma questão global, estudada e debatida internacionalmente. Ver televisão é uma das poucas experiências partilhadas por crianças de praticamente todo o mundo, continuando a ser a sua principal actividade de tempos livres, tal como vários estudos indicam, e um importante agente de socialização, ao lado da família, da escola e de outros media. Sendo este um fenómeno tão central na vida das crianças, é natural que se converta em objecto de estudo e em motivo de preocupação por parte de todos aqueles que se interessam pelos seus mundos de vida.

Os debates sobre o papel e a importância da televisão na vida das crianças emer-

giram por todo o mundo. Portugal não foi excepção, embora ainda se registe um grande multismo sobre esta área de estudo e, conseqüentemente, várias lacunas e muitas vertentes a descobrir.

O início da difusão da televisão a partir de meados do século XX provocou grandes expectativas na sociedade relativamente à forma como poderia enriquecer a vida das crianças, estimular a sua imaginação e criatividade, alargar os seus horizontes de conhecimento e de educação, diluir as diferenças sociais e culturais, estimular o processo de desenvolvimento. Por outro lado, trouxe também grandes preocupações e gerou alguma ansiedade relativamente à possibilidade de gerar intolerância e indiferença, encorajar comportamentos violentos, destruir valores morais e suprimir ou desvalorizar as identidades e culturas locais. Estas duas perspectivas – de integrados e de apocalípticos – foram objecto de debate público nas várias sociedades em que a televisão se foi instalando como um importante meio de comunicação. Embora a discussão actual tenha ultrapassado aquela dicotomia, desde sempre prevaleceram as preocupações com os efeitos da violência televisiva nos mais novos, a exposição a cenas de sexo, a influência da publicidade, a indução de comportamentos passivos e socialmente desajustados, os maus resultados escolares e, mais recentemente, a obesidade infantil.

A opinião pública e a investigação têm dado diferentes respostas a estas questões. Enquanto a primeira tende a procurar (e encontra) na televisão a causa para aquele tipo de comportamentos e de proble-

mas, a investigação tem procurado uma relação e, no seu seio, variáveis que permitam compreendê-la de forma globalizante. A investigação desempenha, portanto, um papel fundamental na busca de respostas mais fundamentadas e conclusivas que contribuam para a análise e compreensão deste campo e que permitam ir mais além do conhecimento de senso comum. Neste sentido, há países cujas organizações governamentais e não governamentais têm nas suas agendas estas questões como áreas de estudo prioritárias, apoiando e promovendo a investigação neste âmbito, enquanto noutros, como é o caso de Portugal, têm-nas remetido para segundo ou terceiro plano, pronunciando-as apenas de forma pontual, geralmente quando alguma situação ou acontecimento na vida das crianças podem indiciar a influência, normalmente nefasta, dos media.

A própria investigação tem seguido diferentes orientações e tem sofrido importantes evoluções. Desde logo, a investigação tem diferido em função da disciplina ou da área disciplinar – psicologia, sociologia, ciências da comunicação, ciências da educação – a partir da qual se centra o olhar sobre a relação das crianças com a televisão. As diferentes perspectivas de análise, as distintas correntes teóricas, as questões colocadas, os métodos de pesquisa utilizados, interferem, naturalmente, no tipo de resultados obtidos bem como na leitura e interpretação dos mesmos.

Actualmente, a preocupação com o estudo interdisciplinar da relação das crianças com os media, e o entendimento dessa relação como algo recíproco, reflectem já os avanços proporcionados pelo desenvolvi-

mento da investigação que tem procurado cruzar e multiplicar prismas de análise, princípios e instrumentos teórico-metodológicos que permitam compreender esta realidade na sua intrínseca complexidade.

Os primeiros estudos desenvolvidos sobre esta matéria tinham implícita uma orientação essencialmente behaviorista. A relação crianças – televisão era concebida como um processo de estímulo – resposta: o estímulo era igual para todos, a resposta era uma reacção directa àquele. A televisão era considerada como uma influência extremamente poderosa, que moldava a consciência e o comportamento da criança e esta era vista como uma vítima passiva da televisão, indefesa, fortemente impressionável e vulnerável. Esta abordagem teórica assumiu uma posição central nas primeiras pesquisas que se baseavam então na teoria dos efeitos directos e imediatos dos *media* ('modelo hipodérmico' ou 'teoria da balas mágica'), o que significava reconhecer os seus poderosos efeitos sobre uma audiência passiva.

As pesquisas desenvolvidas na segunda metade dos anos 50, por Himmelweit no Reino Unido e por Schramm nos EUA, para procurar responder às preocupações públicas acerca dos alegados malefícios de exposição à televisão, embora tivessem fortemente presente a problemática dos efeitos, provocaram uma ruptura com a visão determinista e reduccionista da relação crianças - televisão, e equacionaram, de certo modo, as vertentes das investigações posteriores.

A pesquisa de Schramm, Lyle e Parker constituiu um ponto de referência para os estudos sobre as crianças e a televisão na medida em que propôs uma alteração radical na abordagem da relação entre ambos. Estes autores realçaram não só a importância da televisão e dos seus conteúdos, mas também as crianças e os seus contextos de vida. Como sublinha Schramm (1965:245), "parece claro que, para compreender melhor o impacto da televisão e os seus efeitos sobre as crianças, nos temos de libertar primeiro do conceito pouco realista [que é] aquilo que a televisão «faz às crianças» e substituí-lo por um outro: aquilo que as crianças fazem com a televisão".

A equipa de Schramm destacou o papel activo da criança na relação que estabelece com a televisão e sugeriu que é necessário ter presente o contexto de vida

das crianças e não apenas uma das suas dimensões. Naquela relação há que considerar, por conseguinte, não apenas o factor crianças, ou o factor televisão, mas também os contextos sócio – culturais em que ocorre tal interacção.

A corrente dos usos e gratificações, que se desenvolveu a partir da perspectiva referida anteriormente, simboliza a mudança de perspectiva – o foco da atenção não é mais "o que os *media* fazem às pessoas" mas "o que as pessoas fazem com os *media*".

Esta corrente, recusando olhar para as audiências como uma massa uniforme de consumidores, deixa de encarar os indivíduos como 'vítimas' passivas e indefesas dos mass media, neste caso da televisão, e passa a centrar o seu interesse na forma como os sujeitos usam os *media* para satisfazer as suas necessidades (de escape, de interacção social, de resolução de problemas, de ocupação do tempo livre, etc.) e expectativas, e nas gratificações que deles obtêm.

Os trabalhos desenvolvidos no Reino Unido e nos Estados Unidos da América que tiveram como base aquela perspectiva adoptaram abordagens diferentes: enquanto que no primeiro se enveredou por uma perspectiva sociológica, realçando as variáveis demográficas tal como a classe social, e se considerou os usos individuais dos *media* nos seus contextos, no segundo, adoptou-se uma perspectiva psicológica, colocando a ênfase no indivíduo, na sua personalidade e motivação, e na forma como diferentes indivíduos usavam os *media* para satisfazer diferentes necessidades. A psicologia foi uma das disciplinas mais proeminentes nesta abordagem, focando a sua análise na criança e num conjunto de questões tais como aprendizagem social a partir da televisão, efeitos no comportamento, compreensão dos conteúdos televisivos, usos que as crianças fazem com a televisão e as gratificações que obtêm a partir das suas experiências de visionamento.

A corrente dos usos e gratificações não ficou, contudo, isenta de críticas. Uma diz respeito às limitações do conceito de 'necessidades'. A suposição de que há necessidades humanas básicas que os *media* satisfazem, ignora a possibilidade de os *media* poderem, eles próprios, criar necessidades, de poderem não reflectir necessidades e preferências pessoais e a possibilidade de haver necessidades inconscientes que não são expressas pelos

sujeitos. Para além disso, considerou-se que esta abordagem assumiu o consumo televisivo como uma actividade muito mais consciente do que efectivamente é. Uma outra nota crítica apontada foi no sentido de esta corrente ter falhado ao não considerar a vertente social da relação crianças – televisão. Ou seja, ao colocar a ênfase nas necessidades básicas e no uso dos *media* para as satisfazer, estaria a reduzir a realidade à dimensão individual e a considerar irrelevante as instituições mediáticas e os conteúdos produzidos e difundidos por essas instituições.

Assim, quando o volume de literatura neste domínio começou a aumentar, principalmente nas instituições académicas ocidentais, começou a prevalecer a ideia de que as abordagens baseadas nos efeitos unidireccionais da televisão eram demasiado simplistas, considerando-se que as crianças, ao contrário do que defendia o senso comum, não são 'tábuas rasas' onde os *media* inscrevem as suas marcas, elas são antes consumidores activos da televisão. Esta perspectiva começou a ser desenvolvida sobretudo a partir dos anos 60 quando a investigação de carácter psicológico sobre as crianças e a televisão começou a orientar-se para o modelo cognitivista. Este modelo atribui ao sujeito um papel activo na construção da sua identidade e na sua relação com os outros e com o mundo: enfatiza as diferenças individuais, e salienta também o papel e importância das interacções sociais. De acordo com esta abordagem, na sua relação com a televisão, a criança assume um papel activo e competente na atribuição de sentido, a partir dos conteúdos veiculados por esse meio.

Todavia, apesar da ênfase no papel activo das crianças na construção do sentido, este é ainda considerado como algo que está contido no texto e que pode ser objectivamente identificado e quantificado. Isto é, o texto é ainda tipicamente definido como um estímulo e os seus efeitos são ainda abordados isoladamente, fora do contexto em que ocorrem. Focando a sua atenção quase exclusivamente nos aspectos intelectuais da criança, a corrente cognitivista deu pouca ênfase aos factores sociais e culturais, ou seja, ignorou o facto de o desenvolvimento cognitivo estar, inevitavelmente, relacionado com as experiências sociais do sujeito.

Contudo, se muitos investigadores cognitivistas ignoraram os contextos sociais em que as crianças estão inseridas, a

favor de 'uma' criança separada de qualquer contexto social e histórico, outros houve que consideraram esses aspectos nas suas teorias. Merece destaque o trabalho desenvolvido pela investigadora norte-americana Aimée Dorr (1986) que defende que as crianças têm de realizar um trabalho activo ao ver televisão para poderem dar sentido aos seus conteúdos e utilizar as suas mensagens. Ao considerar que "as mensagens transmitidas pela televisão não são as mensagens que os telespectadores recebem mas antes as que estes interpretam" (id.:21), Dorr tem subjacente a ideia de que os significados da TV não estão apenas nas suas mensagens, mas resultam da interacção com os telespectadores, de acordo com os seus recursos, capacidades e situações.

De acordo com esta perspectiva, deve reconhecer que cada telespectador, acedendo aos mesmos signos televisivos, constrói um significado próprio para cada mensagem televisiva e que esse significado é construído a vários níveis. As crianças reagem ao que vêem, pensam, expressam sentimentos e emoções, constroem significados, levam para essa interacção predisposições, capacidades, desejos e experiências distintas. A compreensão do significado da televisão na vida das crianças deve, portanto, ser elaborada com base nas circunstâncias (pessoais, sociais, culturais) em que elas vêem e a partir dos processos através dos quais elas constroem os significados dos conteúdos televisivos. Rejeitar a perspectiva de criança como vítima passiva da televisão, não significa, contudo, adoptar, simplesmente, a perspectiva contrária e substituir a imagem tradicional de inocente e vulnerável por uma imagem de um ser 'activo e autónomo'. Esta concepção de criança é tão indefinida e controversa como aquela que pretende substituir. Continua-se a falar acerca da criança como uma categoria universal, em vez de crianças que vivem em circunstâncias sociais, culturais e históricas específicas que as colocam em posições particulares na estrutura social. Especial atenção deve merecer o papel mediador que a família pode assumir ao nível daqueles processos de construção de significados a partir da relação com a televisão.

Esta abordagem sublinha então a necessidade de se considerar a prática televisiva como um processo de interacção imerso na vida quotidiana e de se atender ao contexto sócio-cultural em que a mesma

se processa, enfatizando os princípios da corrente ecológica e apelando para uma perspectiva holística no estudo da relação crianças-televisão. Estas orientações permitem trazer à luz várias questões e sublinhar diversas vertentes que não estavam anteriormente incluídas na agenda da investigação e que são bem necessárias para a construção de um quadro multifacetado que permita compreender este fenómeno nas suas manifestações mais globais.

Os estudos desenvolvidos na Europa e os poucos que se têm realizado em Portugal neste domínio, a partir sobretudo da década de 90, têm seguido mais esta orientação sociocêntrica (em detrimento da mediocêntrica), centrando-se no envolvimento activo das crianças com a televisão, procurando compreender as suas experiências televisivas a partir das suas próprias perspectivas e situando essas experiências no contexto mais vasto das práticas sociais quotidianas. O estudo de Manuel Pinto (1995) sobre a televisão no quotidiano das crianças (o de maior envergadura realizado no país até ao momento) e a tese de mestrado de Sónia Carrilho intitulada "A Criança e a Televisão: Contributos para o Estudo da Recepção", apresentada à Universidade Católica em Outubro de 2005, são dois exemplos de trabalhos que seguiram estas orientações teóricas.

Entre os factores que influenciam o consumo de televisão encontra-se a própria oferta televisiva. Actualmente a televisão para o público infantil é um negócio global de grandes proporções. As crianças são encaradas como importantes consumidores que formam um interessante nicho de mercado. Porém, não é apenas pelo consumo dos programas que lhes são destinados que elas são consideradas como uma audiência importante; são-no também (e por vezes principalmente) pela influência que exercem nos hábitos televisivos dos adultos, em particular dos pais, e pelo visionamento de programas dirigidos à audiência adulta e familiar.

É sobre a vertente da programação infantil-juvenil que nos iremos deter em seguida, mostrando a forma como as crianças podem ser a âncora de uma estação televisiva.

A oferta dos canais generalistas para o público infanto-juvenil em 2006

A oferta televisiva dos canais generalistas portugueses para o público infanto-juvenil ficou marcada, no ano 2006, pela continuidade nalgumas grelhas e por mudanças noutras. O acontecimento de maior destaque foi a estreia de mais uma novela infanto-juvenil – 'Floribella' – na SIC, em Março desse ano. Este programa veio concorrer directamente com 'Morangos com Açúcar', em exibição na TVI desde 2003, e reforçar a oferta deste género de programas para aquele público específico. 'Floribella' (um formato proveniente da Argentina) veio dar continuidade à tendência aberta pela TVI na oferta para crianças e jovens, mas veio, sobretudo, abrir uma nova tendência ao nível da grelha de programação geral. A novela juvenil foi, ao longo daquele ano, o programa estruturante daquela estação e o seu impulsionador de audiências¹. A grelha passou a girar à volta da novela e estendeu-se a outros formatos como 'Contacto' e 'Fátima'. Sem grandes reformulações, e com pouca ousadia e inovação, Francisco Penim conseguiu criar uma mini-grelha em redor do programa.

Os telespectadores mais jovens, que a partir do ano 2000 tinham deixado de ser o público-alvo dos programas emitidos no período da tarde pelas estações privadas são, em 2006, o seu *target* preferencial. Esta situação verifica-se na TVI desde há três anos quando estreou, na televisão portuguesa, a primeira novela falada em português dirigida ao público infanto-juvenil. Depois de ter progressivamente deixado de exibir programas para os mais novos no período da tarde, a estação de Queluz voltou a conquistar fortemente aquele público (com valores de *share* muito expressivos) com a oferta de um género diferente dos que habitualmente preenchiam as grelhas para os mais novos.

'Morangos com Açúcar' revelou-se um verdadeiro fenómeno de audiências, extrapolando dos ecrãs para os livros, bandas de música, CDs e vários produtos de *merchandising*. Durante a semana a TVI exibiu dois episódios de 'Morangos' ao

¹ A tendência de maus resultados que a SIC estava a registar começou a inverter-se a partir de Junho de 2006 com a transmissão do Mundial de Futebol e com o sucesso da novela 'Floribella'. Estes foram, portanto, os seus motores de crescimento naquele ano.

fim da tarde (18h-20h), sendo o primeiro episódio repetição do dia anterior, tendo-se registado períodos em que a novela foi também exibida em horário nobre². Ao fim-de-semana a série passou também a preencher o espaço infantil matinal da estação com a emissão de dois episódios em repetição ao sábado e outros dois ao domingo, reduzindo, desta forma, o tempo de emissão de outro género de programas para a infância. Neste período a novela foi antecedida pela emissão de 'Batatoon', ou de um bloco de séries de animação, e precedida pela exibição de um, por vezes dois, episódios da série juvenil 'O Bando dos Quatro' (adaptação da série de livros infantis da autoria de João Aguiar). Ao fim-de-semana a transmissão de 'Morangos' em horário nobre foi incerta. A sua entrada nas grelhas foi frequentemente utilizada como uma estratégia de contra-programação relativamente à oferta da concorrente SIC.

Em Outubro a estação estreou 'Clube Morangos', um *talk show* feito em directo, exibido de segunda a sexta-feira a meio da tarde, a partir da galeria no rés-do-chão do edifício do Diário de Notícias. O programa teve como apresentadores dois jovens que integraram o elenco de actores da novela em séries anteriores. Emitido no horário em que 'Floribella' começa a ser exibida na SIC, o 'Clube Morangos' surgiu claramente para concorrer com aquela novela e para fortalecer o projecto 'Morangos', como referiu José Eduardo Moniz, director-geral da TVI: "trata-se de um programa que vem reforçar a aproximação da TVI ao público jovem que nos tem dado a sua preferência. É também a forma de a TVI desenvolver a estratégia na consolidação do projecto Morangos com Açúcar, a marca mais bem sucedida da televisão desde que me recorde" (Diário de Notícias, 24 de Setembro de 2006).

Ligado a este fenómeno, assistiu-se, em 2006, a uma outra situação inédita na televisão portuguesa e que, por isso, merece registo. Referimo-nos à transmissão em directo das cerimónias fúnebres do jovem actor Francisco Adam, o 'Dino' de 'Morangos com Açúcar', que alcançou *shares* acima dos 60%. Aproveitando a

onda de emoção gerada pela morte inesperada do actor, a TVI cometeu exageros na cobertura deste acontecimento, exibindo, durante horas, as exéquias fúnebres e fazendo deste acontecimento notícia de abertura nos seus principais blocos informativos.

No contexto da oferta desta estação não se pode deixar de notar a completa ausência de programas infantis nas grelhas das manhãs dos dias úteis, um espaço que a TVI valorizou até Fevereiro de 2002. Esta opção significou o incumprimento das obrigações que a estação assumiu relativamente aos públicos infantis³ na apresentação da sua candidatura ao processo de licenciamento em 1990 e que reiterou em 1999 aquando da apreciação ao abrigo da Lei de Televisão de 1998. Não obstante a Deliberação 1-L/2006 da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) relativamente à "Renovação das licenças para o exercício da actividade televisiva dos operadores SIC e TVI" considerar que o incumprimento dessas obrigações não podia ser deixado sem críticas, e apesar dessas obrigações constarem da síntese do que não foi cumprido pela estação, a ERC define como obrigação futura da TVI a emissão diária de programas dirigidos ao público infantil/juvenil no período da manhã ou da tarde, criando assim, com esta disjuntiva, uma abertura para que a estação continue a não reconhecer lugar de destaque a este tipo de programação no período matinal, ao contrário do que tinha assumido no processo de licenciamento originário. Além disso, não há também qualquer indicação no sentido de uma oferta diversificada em termos de géneros e de formatos e com menos recurso a repetições, aspectos que caracterizam a actual oferta da estação e que se afastam dos critérios de uma programação de qualidade.

No que diz respeito à SIC, a estreia de 'Floribella' fez disparar, como referimos anteriormente, as audiências da estação de Carnaxide. A partir daí a programação começou a girar à volta daquele programa que surgiu nas grelhas no período da manhã, da tarde e da noite. No último trimestre de 2006 foram exibidos dois episódios em repetição no período da manhã (8.30h/10.00 horas), logo a seguir ao bloco SIC

Kids⁴ (7.00h/8.30h). À tarde foram transmitidos outros dois episódios da novela, não se ficando a oferta por aqui uma vez que à noite era servido mais um episódio. Ao fim de semana, o domingo foi o único dia de folga de 'Floribella' pois ao sábado era também emitido um episódio em horário nobre. Ao sábado e domingo de manhã a SIC apresentou cerca de 5 horas de outro tipo de programas infantis, com predomínio da animação. Este espaço, que se tem mantido regular e assíduo nas grelhas, não foi por enquanto contaminado pelo 'vírus' 'Floribella', uma situação que, na nossa perspectiva, deve continuar a ser preservada para que as crianças, sobretudo as que não têm acesso à TV por cabo, possam assistir a outros géneros de programas pensados e concebidos especificamente para elas. Os blocos 'SIC Kids'⁵, e 'Disney Kids' e a série portuguesa 'Uma Aventura' (adaptação da colecção de livros com o mesmo nome da autoria de Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães) compõem o menu infantil da estação ao fim-de-semana.

Analisando a oferta programática das duas estações privadas desde o começo da actividade de ambas, verifica-se que têm assumido posições diferentes no que diz respeito à programação para a infância: a TVI apostou, desde o início, na programação para os mais novos enquanto a SIC apresentou valores mais incipientes desde a sua abertura até 1996, ano em que começou a apostar francamente na programação dirigida ao público mais jovem. Para esta mudança de estratégia terá sido determinante a constatação, por parte desta estação televisiva, que era junto das crianças e dos jovens que obtinha os seus melhores valores de *share*. A aposta inicial da TVI começou, contudo, a esmorecer registando-se, a partir do ano 2000, uma quebra significativa no tempo de emissão infanto-juvenil. Na base desta quebra estão as mudanças que o projecto da estação sofreu naquele ano em função do seu processo de reestruturação provocado pela mudança de propriedade para o grupo Media Capital.

Relativamente à SIC, verifica-se que entre 1996 e 1999 esta foi a estação generalis-

² Foi o que aconteceu com a exibição da série de Verão, prolongando-se com a estreia da IV Série até à penúltima semana de Outubro, altura em que deu lugar na grelha a mais uma novela em estreia - 'Doce Fugitiva' - que veio também concorrer com 'Floribella' no horário nobre

³ A estação comprometeu-se a reconhecer à programação infantil um lugar de destaque nas grelhas semanais, quer durante as manhãs de segunda a domingo, quer durante as tardes.

⁴ O espaço para as crianças no período da manhã regressou às grelhas de programação da SIC após vários meses de ausência.

⁵ Inclui séries como 'Digimon 4', 'Yu-Gi-Go 2', 'Mirmo I', 'Dragon Booster', 'Pokemon 8', 'Witch 2', 'Bratz', 'Power Rangers SPD' e 'Action Man A.T.O.M.'

ta que ofereceu às crianças o maior número de horas de programação. Porém, naquele último ano a estação pediu a alteração do seu projecto inicial em que se comprometia a dedicar o espaço de final da tarde (17.30h/19.30h) ao público infanto-juvenil. Por essa altura o operador tinha já, aliás, retirado desse horário essa programação.

Tendo sido então autorizada a alterar os horários da programação infantil, esta passa a ser exibida unicamente no período da manhã (6.45h/9.45h) nos dias úteis, mantendo o horário de fim-de-semana. Em 2006 a programação desapareceu também durante vários meses desse horário mantendo-se, apenas, ao fim-de-semana. A análise das grelhas de programação publicadas no jornal 'Público' permitiu-nos verificar que no último trimestre do passado ano a SIC retomou a emissão desta programação no período da manhã⁶, agarrando ao bloco de séries de animação a novela 'Floribella'. Esta opção, bem como toda a filosofia de programação da SIC, leva-nos a depreender que a estação faz depender a construção da grelha dos êxitos do momento e do número de telespectadores que consegue atrair.

Distanciada desta disputa tem estado a televisão de serviço público que a partir de 2004, com a reformulação do segundo canal, inaugurou uma nova fase ao nível da programação para a infância, elevando novamente a 'bandeira da qualidade' nesta área de programação. A partir daquele ano a oferta para as crianças tem-se mantido regular e estável. Durante a semana esta programação é emitida na 2: em dois blocos horários, um no período da manhã com a duração de, aproximadamente, 7 horas (7.30h/14h), outro no período de fim de tarde com a duração de 1 hora num espaço designado 'Zig Zag'. Ao fim de semana esta programação é transferida para a RTP1, sendo exibidos os blocos 'Brincar a Brincar' e 'Brinca Comigo' entre as 7.00h e as 9.30h da manhã.

Como seria esperado de uma estação pública, a programação emitida nos últimos dois anos apresenta-se como uma alternativa interessante para as crianças,

como já havia acontecido no passado, em finais dos anos 80 e princípios dos 90, antes da entrada dos operadores privados. Em 2006 a RTP apostou nas várias faixas etárias que constituem o público infantil e juvenil, com um investimento evidente na idade pré-escolar e ainda com poucos recursos para a faixa adolescente, embora com sinais de atenção também a esse grupo. A oferta tem-se caracterizado por uma diversidade de conteúdos, géneros, formatos, estilos e origem dos programas.

As grelhas abaixo indicadas apresentam as manchas da programação para a infância emitida pelos canais generalistas no último trimestre de 2006. Os dias seleccionados – um dia útil e um de fim-de-semana – representam dias típicos de emissão, o que significa que ilustram o panorama da oferta para os mais novos no período considerado.

Grelha Tipo de Programação Infanto-juvenil
Último trimestre de 2006 – dias uteis

Hora	RTP1	RTP2	SIC	TVI
7.00h				
7.30h			SIC KIDS	
8.00h				
8.30h				
9.00h			FLORIBELLA	
9.30h				
10.00h				
10.30h				
11.00h		ZIG ZAG		
11.30h				
12.00h				
12.30h				
13.00h				
13.30h				
14.00h				
14.30h				
15.00h				
15.30h				
16.00h				
16.30h				
17.00h				
17.30h				CLUBE MORANGOS
18.00h			FLORIBELLA	
18.30h				
19.00h				MCA (Morangos com Açúcar)
19.30h				
20.00h		ZIG ZAG		
20.30h				
21.00h			TCHARAN	
21.30h			FLORIBELLA	MCA (apenas Outubro)
22.00h				
22.30h				
23.00h				

⁶ A semelhança do que foi estipulado para a TVI pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) no processo de renovação das licenças para o exercício da actividade de televisão, ocorrido em 2006, a SIC ficou obrigada a emitir diariamente programas dirigidos ao público infantil/juvenil no período da manhã ou da tarde. Não foram expressas quaisquer outras orientações.

Grelha Tipo de Programação Infanto-juvenil
Último trimestre de 2006 – fins-de-semana

Hora	RTP1	RTP2	SIC	TVI
7.00h	BRINCAR A BRINCAR			
7.30h	BRINCAR			
8.00h			SIC KIDS	BATA-TOON
8.30h				
9.00h	BRINCA COMIGO			MCA
9.30h			DISNEY KIDS	O BANDO DOS 4
10.00h				
10.30h				
11.00h			UMA AVENTURA	
11.30h				
12.00h				
12.30h				
13.00h				
13.30h				
14.00h				
14.30h				
15.00h				
15.30h				
16.00h				
16.30h				
17.00h				
17.30h				
18.00h				
18.30h				
19.00h				
19.30h				
20.00h				
20.30h				
21.00h				
21.30h			FLORIBELLA	MCA (emissão incerta)
22.00h				
22.30h				
23.00h				

Como se pode observar, os programas 'Morangos com Açúcar' e 'Floribella' dominam e predominam nas grelhas, assumindo-se praticamente como o macrodiscurso das televisões privadas. Aquelas séries atravessam verticalmente as grelhas e, para além dos horários próprios de emissão, contaminam toda a programação. Muito embora esta situação se verifique em ambos os canais privados, ela é mais acentuada na SIC que passou a conceber a sua programação quase exclusivamente a partir desse programa. Por influência dos mais novos, 'Floribella' acaba por ser um produto que conquista um público etariamente transversal, o que muito agrada à estação que se sente à vontade para explorar em vários horários e em diferentes dimensões e contextos⁷.

⁷ Veja-se, por exemplo, o que aconteceu na noite de passagem de ano (2006/2007). O programa que a SIC exibiu nessa noite centrou-se todo ele na 'Floribella'. O excerto retirado do 'Blog da Floribella' ilustra bem o tipo de oferta dessa noite: 'Para todos os grandes fans da Floribella a passagem de ano é na SIC e em directo! Um episódio inédito, um marco na história. Na SIC é assim.'

Estes programas foram amplamente explorados pelas estações, dentro e fora dos ecrãs, com tendência para continuar. Para além do número já elevado de horas de emissão (4 horas diárias de 'Floribella' e 3h de 'Morangos') aquelas novelas deram ainda origem a novos programas⁸ e foram o mote para outros, para além da sua frequente incursão nos programas de informação diária. Este cenário é revelador de uma programação monotemática baseada na ficção, principalmente em telenovelas.

As discussões públicas à volta da oferta para os mais novos, ecoadas pelos próprios media, andaram também elas muito em redor destas novelas fazendo parecer que toda a oferta para aquele público se resume àqueles dois programas. Pouco se discutiu e pouco se noticiou sobre outros programas para as crianças, parecendo estar temporariamente suspensa a discussão ligada à qualidade, ou à falta dela, nos espaços televisivos para os mais novos.

Parece-nos pois importante atender a esses espaços e observá-los para saber como estão a ser preenchidos, que alternativas oferecem às crianças e para avaliar a sua qualidade. Fazendo esse exercício de observação em relação às grelhas de 2006, registámos programas que passaram despercebidos da maior parte dos telespectadores, pequenos e adultos, e dos próprios media, e que são considerados de qualidade à luz dos critérios internacionalmente identificados para caracterizar um bom programa. É o caso, por exemplo, da série 'Pocoyo', emitida na 2: no espaço 'Zig Zag' da manhã e da noite, que conquistou o prémio BAFTA (British Academy of Film and TV Arts)⁹ pela melhor série de animação pré-escolar: do magazine semanal 'Kulto'¹⁰, destinado aos

jovens entre os 8 e os 12 anos, das séries 'Noddy', 'Ruca', 'O Mundo de Henrique', 'As Pistas da Blue', entre outros que combinam o lúdico com o educativo.

No âmbito da programação para crianças não se pode descurar a oferta da televisão por cabo que dispõe de diversos canais para o público infantil e juvenil. Muitas crianças encontram aí uma alternativa à programação dos canais generalistas. A provar essa alternativa estão os dados de audiência que mostram o canal 'Panda', emitido em sinal aberto e em português, como o segundo canal mais visto da TV Cabo em 2006. Para além deste canal, o 'Disney Channel', o 'Nickelodeon' e o 'Cartoon Network' são também canais dirigidos aos públicos mais jovem. Os dois primeiros emitem em português 24 horas por dia, sendo o primeiro oferecido no serviço Premium e o segundo exclusivo do pacote 'Funtastic Life' da TV Cabo. O terceiro transmite em inglês das 5.00h às 20.00h, sendo a sua frequência utilizada, no período da noite, para a missão do TCM

Em Síntese

Ao terminar gostaríamos de sublinhar a alternativa que a programação da televisão pública representa actualmente para o público infantil no panorama geral da oferta dos canais generalistas portugueses, embora as quotas de audiência mostrem o público infantil relativamente arredado desta programação. A programação para a infância emitida durante a semana no canal 2 apresentou, em 2006, valores de *share* abaixo dos 10% e a da RTP 1 oscilou entre os 13,1% e os 15,1% (dados da Mediamonitor/Marktest Audimetria).

No que diz respeito às estações privadas, as telenovelas infanto-juvenis são a sua principal aposta no ano em análise, investindo-se muito pouco noutra tipo de géneros, formatos e conteúdos. A avaliar pelos índices de audiência¹¹, pela forte adesão a diferentes iniciativas que saem dos ecrãs

para os palcos e pelas vozes das crianças, percebe-se que elas próprias andam distanciadas de outro tipo de oferta televisiva. A incursão que os 'Morangos' e a 'Floribella' fizeram nas suas vidas quotidianas é tão forte e significativa que acabam por dominar as suas conversas, as suas brincadeiras, as suas músicas, as suas colecções, as suas leituras, o seu vestuário, etc.

Esta situação foi, em algumas ocasiões, reforçada no seio das próprias instituições educativas que levarem para dentro das suas portas os produtos comercializados a partir das marcas criadas por aqueles programas, aproveitando-os de uma forma acrítica e perdendo assim uma excelente oportunidade para promover a educação para os media. Deste modo, em vez de prepararem as crianças para um consumo e um uso crítico daqueles programas, acabaram por oferecer às crianças mais horas de contacto com o mesmo tipo de produtos e por aguçar a sua curiosidade e interesse.

Naturalmente que é importante que a televisão franqueie as portas da escola em vez de ficar do lado de lá dos seus muros. Contudo, é importante que entre com objectivos claros definidos no sentido de proporcionar às crianças oportunidades (que nem sempre encontram em casa) de reflectirem criticamente sobre o programa e sobre os usos que fazem do mesmo, sobre a importância e os significados nas suas vidas quotidianas. Um trabalho a este nível poderá contribuir para a formação de telespectadores mais informados e exigentes, preparados para lidar com o mundo construído dos media, capazes de exigir uma programação diversificada, pautada por critérios de qualidade e que não esteja condicionada, de forma dominante, por factores ligados ao mercado e à concorrência.

A investigação tem aqui um papel relevante de cruzamento do campo da programação e do da recepção pois, para além de ambas se influenciarem e condicionarem mutuamente, a análise de uma permite compreender melhor a outra. As tendências da programação não se podem desligar das forças motrizes que as criam e geram, nomeadamente, a propriedade das estações televisivas, as suas políticas comunicativas, os canais da concorrência, o custo dos programas, o fenómeno publicitário, bem como os gostos e características sócio-demográficas da audiência. A grelha exprime a identidade de um canal

tudo em grande! Muitas pessoas conhecidas irão passar a noite de ano novo na mansão dos irmãos Fritzenwalden. A Banda Floribella vai actuar em Freiria e vai ser um sucesso. Entra em 2007 com o pé direito. Absolutamente a não perder Domingo na SIC. Vai ser grande festa!" (In <http://blogfloribella.weblog.com.pt>).

⁸ São exemplos o *talk show* 'Clube Morangos' e 'Tcharan', um programa sobre os bastidores de Floribella apresentado em horário nobre durante dois meses, imediatamente antes do episódio da noite.

⁹ Os prémios da Academia Britânica de Artes e TV são, a par dos Oscars e dos Globos de Ouro, um dos galardões mais importantes da indústria audiovisual.

¹⁰ Trata-se da versão televisiva do suplemento com o mesmo nome que é editado com o jornal Público. O programa, produzido pelas Produções Fictícias e pela Farol de Ideias, tem a mesma estrutura do suplemento: dicas sobre como sobreviver na escola e no grupo de amigos, ideias sobre actividades, rubricas de música, livros, DVD, cinema, jogos de computador e temas como

cidadania e ciências.

¹¹ No último ano 'Morangos com Açúcar' apresentou quotas de audiência entre 30,9% e 39,5% e 'Floribella' entre 27,4% e 31,8%. O *share* de qualquer uma destas telenovelas ultrapassa largamente (mais do que duplica, na maior parte dos casos) o *share* de programação juvenil de qualquer um dos canais, públicos ou privados. A programação infantil da TVI alcançou valores de *share* entre 11,5% e 14,2% e a da SIC entre 14,6% e 22,7% (estes valores não contemplam os índices de audiência daquelas novelas juvenis) (dados da Mediamonitor/Marktest Audimetria).

e constitui um recurso importante para conhecer a relação que uma sociedade mantém com o pequeno ecrã. Como sugere Cortés (2001), a leitura e análise das grelhas permitem encontrar sinais dos tempos em que foram elaboradas.

Referências Bibliográficas

Cortés, J. A. (2001). *La Estrategia de la Seducción: La Programación en la Neotelevisión*. Navarra: EUNSA.

Dorr, A. (1986). *Television and Children: a Special Medium for a Special Audience*. London: Sage.

Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2006). *Renovação das Licenças para o Exercício da Actividade Televisiva dos Operadores SIC e TVI*. Deliberação 1-L/2006 do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (documento disponível em www.erc.pt).

Pereira, S. (2004). *Televisão para Crianças em Portugal. Um Estudo das Ofertas e dos Critérios de Programação dos Canais Generalistas*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.

Pinto, M. (1995). *A Televisão no Quotidiano das Crianças*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Braga: Universidade do Minho.

Schramm, W., Lyle, J., Parker, E. (1965). *Televisión para los Niños*. Barcelona: Editorial Espano Europea (edição original de 1961).